





EDITORIAL

Dos perigos de *uma* História.

Poderá a História ser viciada nos seus resultados? Haverá uma História ou várias Histórias paralelas, com começos e fins idênticos mas com percursos muito diferentes?

É difícil obter uma resposta honesta e sem preconceitos. Na maioria das vezes a História que se nos apresenta está, ou pode estar, perspectivada numa linha que o autor considera séria e honesta. Mas terá o autor toda a informação? E mesmo que a tenha será que a soube utilizar?

Sabe-se hoje – ou começa-se a saber e a estudar com mais cuidado – da existência de «matéria escura» no ADN humano. Essa matéria do genoma que não são *genes* – mas que são controladores genéticos, pois ajudam ou condicionam o modo como as células se comportam – foi desprezada durante muito tempo, ou foi apenas considerada lixo, mas afinal são fundamentais na evolução da qualidade da vida de um ser.

Mas, se tem sido mais fácil desmitificar a ciência relacionada com a evolução da espécie humana – mesmo aceitando que possam existir ainda muitos e muitos momentos de “matéria escura”, assim denominada apenas porque não é conhecida, não que não tenha informação –, com a História é tudo muito mais difícil. Se hoje já não se olha, nem se aceita, uma Idade Média como um período entre uma época Clássica e o chamado seu Renascimento, não existe a coragem de lhe mudar o nome «romântico» de medievalismo. Já se chamou a atenção que a denominada História Contemporânea não é mais um rótulo que sirva para o período que abrange os finais do século XVIII, os séculos XIX e XX e para o século XXI. Embora os ritmos da história política sejam significativos, hoje tem de se atender a outros fatores, como por exemplo: a invenção do satélite que alterou todo o decurso da História futura e o consequente comportamento da humanidade.

A grande maioria das pessoas julga que sabe História. Uma maioria ainda mais significativa dos licenciados em História julga que são imediatamente historiadores. Seria o mesmo que dizer que todos os licenciados em filosofia eram Filósofos; mas o pior ainda são os denominados Historiadores que nunca aprenderam e muito menos apreenderam a Ciência.

Tenta-se, hoje, minorar estes riscos pedindo a arbitragem científica de um artigo ou de um estudo. Mas será que isso está correto? Será que o árbitro científico compreende que o seu papel é apenas: verificar se as premissas estão certas; se os documentos tidos em conta são válidos e autênticos; e não julgar a interpretação que cada um faz desse material? Conhecem-se alguns exemplos – que hoje classificamos como de atrasos científicos – de arbitragens científicas erradas; para não ser mais polémico e menos contemporâneo pergunto, apenas, se a Inquisição ao condenar Galileu não estava a fazer arbitragem científica que considerava honesta?

Esperemos que a *Fragmenta Historica* não seja – involuntariamente – castradora de uma História honesta e sem preconceitos.

João Alves Dias